

Diretrizes da Linguagem Poética*

Giselda Medeiros

Sabemos que a maior expressão da liberdade humana reside, sem dúvida, na arte. E é através do seu domínio que o homem vai, passo a passo, afirmando-se como criador, aquele que, partindo de uma realidade ou apenas de sua imaginativa concepção, converte-se num produtor de novas realidades, transtextualizadas ou transcendentalizadas, cujo traço marcante, diferentemente do da ciência, deve ser a subjetividade pura, com a qual o artista atinge a supra-realidade. Por essa razão, é que o artista é o mais livre de todos os homens, e a sua criação, a Arte, a afirmação por excelência de sua liberdade.

Dentre as várias manifestações da Arte, está a Poesia, cuja ferramenta, a palavra, consubstanciada em signos metafóricos, acoplada ao ritmo e à melodia do verso, faz-se-nos estesia plena, reproduzindo através de seus símbolos as mais íntimas vibrações do sentimento humano.

Não vamos discorrer, aqui, é claro, sobre as diversas tendências caracterizadoras da poesia, ao longo das estéticas literárias, apenas regredir rapidamente ao ano de 1922, quando se iniciava a ferrenha luta pela liberdade formal, uma verdadeira revolução estética, uma ruptura entre novos e velhos, que ficaria consubstanciada, destarte, a partir da Semana de Arte Moderna. Profundamente antitéticos, insurgiam-se os modernistas contra a perfeição formal vigente no parnasianismo, contra o helenismo de um Coelho Neto, contra a vernaculidade de um Rui Barbosa. Tínhamos, então, Mário de Andrade, Manuel Bandeira, Oswald de Andrade, Graça Aranha, como arautos dessa insurreição que iniciava o despertar de uma nova literatura voltada para o presente, para a originalidade, para a necessidade de se criar livremente, respaldada na defesa dos direitos ilimitados do artista, fosse nas letras, na música, nas artes plásticas, na arquitetura.

Este breve intróito pareceu-nos necessário, para que pudéssemos iniciar esta missão, por demais honrosa, que nos concede o Acadêmico F. S. Nascimento, a de apresentar o seu mais recente livro *Diretrizes da Linguagem Poética* (Fortaleza, RBS Editora, 2005).

Antes, mesmo, de adentrarmos esta obra que guarda em seu corpo uma jóia de imperecível valor conteudístico, imperioso se faz tecer algumas palavras sobre seu Autor.

(*) Discurso proferido por ocasião do lançamento do livro “Diretrizes da Linguagem Poética”, do Acadêmico F. S. Nascimento, no Centro Cultural OBOÉ.

F. S. Nascimento é um presente que Pernambuco nos legou. Radican-do-se em Crato, aí estudou e diplomou-se. Fez parte do Grêmio Literário e Cívico José de Alencar, época em que se iniciou nas lides jornalísticas. No pe-riódico “A Classe”, do qual foi redator-secretário, passou a editar seus artigos, sonetos em decassílabos e até poemas em versos livres.

Em 1953, juntamente com Florival Matos, lançou a revista “A Provín-cia”, prestando, desse modo, sua homenagem à cidade do Crato, que come-morava, naquela data, seu primeiro centenário. Transferindo-se para Fortaleza, deu prosseguimento às lides de redator, publicando no jornal O Povo artigos e reportagens de cunho literário.

É membro efetivo da Academia Cearense de Letras, desde 1973, onde ocupa a cadeira número 38.

São de sua autoria: *A Estrutura Desmontada* (1972); *Três Momentos da Ficção Menor* (1981); *O Quadrilátero da Seca* (1988); *Apologia de Augusto dos Anjos e Outros Estudos* (1990); *Teoria da Versificação Moderna* (1995); *Praibas do Cauípe e Clá Bezerra de Menezes* (1997); *História Política de Juazeiro e Crato – Lampejos Políticos e Culturais* (1998); *Mártires da Religiosidade Popular* (2000); *Fundamentos do Nordeste Agrário* (2003) e, neste 2005, *Diretrizes da Linguagem Poética*.

A leitura do novo livro de F. S. Nascimento, ocorre-nos à lembrança esta assertiva de Osman Lins, em seu *Guerra sem Testemunhas*: “Ninguém rea-liza obra válida, antes de alcançar, como escritor e como homem, um estágio, um grau de sabedoria que lhe permita conhecer, no papel ou no espírito, um plano para a obra a ser realizada”. Partindo daí, imaginamos o quanto há de sabedoria e conhecimento crítico, tanto no papel como no espírito do Acadêmico F. S. Nascimento. Realizar uma obra do teor deste *Diretrizes da Linguagem Poética*, implica conhecimento vasto, implica sabedoria, implica, sobretudo, amor às letras.

Com a visão de crítico de nomeada e estudioso do fenômeno literário, F. S. Nascimento consolida, com esta obra, “o estudo da rítmica dos poetas do modernismo, bem como a das gerações mais novas”, indo mais além, trazendo abonação das normas do verso livre, as quais, segundo análise de Cavalcanti Proença, em seu livro *Ritmo e Poesia* (1995), não haviam ficado convencional-mente definidas.

Para isso, F. S. Nascimento, lançando mão de paciente pesquisa, bus-cou reunir grande número de versos assimétricos, quer marcados por sinais externos; quer por simples pausa fônica; quer pela curvatura sonoramente

contínua, mediante o emprego translinear do *enjambement*, quer pelo fracionamento da sintaxe poética; quer pelo pleno conhecimento da fonologia oracional; quer pela utilização do verso livre cem por cento que, segundo Manuel Bandeira, “é aquele que não se socorre de nenhum sinal externo, senão o da volta ao ponto de partida à esquerda da folha do papel”.

Na primeira parte do livro, F. S. Nascimento, buscando a explicação do fenômeno poético e visando à fundamentação dos objetivos a que se propôs, recorre a considerações a partir da métrica greco-latina, passando pela versificação francesa, pela castelhana e lusitana, até chegar à métrica no Brasil. É a segunda parte, porém, a mais relevante do livro, ou seja, o leito por onde ele faz correr, em movimento contínuo, as águas de sua arguta inteligência, fazendo desaguar no leitor as pérolas de sua lúcida argumentação, tudo respaldado naquela seriedade com que trata os assuntos literários. F. S. Nascimento não só expõe conceitos, mas vai dirimindo dúvidas, explicando-as à luz do seu vasto conhecimento, aliado à imparcialidade do crítico seguro, que é, em seus juízos de valor.

Aqui, ele nos oferece primorosas lições sobre o assimetrismo exercitado ao longo da estética modernista, tomando como normativa básica o poema “Canteiro das Horas”, do poeta francês Henri de Régnier. E, partindo de Mário de Andrade, com o poema “Tu” (*Paulicéia Desvairada*, 1922), a José Telles, com “O Milagre da Rosa” (*Poemas Estivais*, 1997), F. S. Nascimento explora com acuidade todos os movimentos literários ocorridos no Ceará, desde o Grupo Maracajá (1929), que teve em *O Canto Novo da Raça* o marco do modernismo cearense, até nossos dias. São decorridos, portanto, 75 anos entre Mário de Andrade e José Telles. E nesse intervalo, bem numerosos são os versos produzidos por autores cearenses, a fonte em que F. S. Nascimento foi buscar a abonação para as regras do moderno assimetrismo, neste seu ensaio.

Os trinta e seis autores cearenses que estamos nesta obra, abonando com nossos versos as regras da moderna versificação heterométrica, sentimo-nos plenamente envaidecidos por nos saber imortalizados como poetas que soubemos, por intuição ou por conhecimentos adquiridos na leitura de consagrados modernistas, já que não dispúnhamos de nenhum tratado definido sobre o assunto, soubemos evoluir, mesmo assim, e imprimir ao nosso verso a forma da metrificação moderna, sobre a qual já se pronunciara Manuel Bandeira: “O verso verdadeiramente livre foi para mim uma conquista difícil. O hábito do ritmo metrificado, da construção redonda foi-se-me corrigindo lentamente”.

Ressaltemos, também, neste livro, a excelência da linguagem, a clareza do enunciado, a riqueza do conteúdo, a concisão, a construção frasal, o que imprime à obra um estilo elegante, agradável leitura e entendimento preciso.

Por fim, somemos à argúcia e ao engenho de F. S. Nascimento a sua virtude maior: a simplicidade. E a simplicidade, sabemos, é o começo da sabedoria; e a sabedoria é poder contemplar as cousas eternas e imutáveis. Em razão disso, fica externada nossa homenagem ao Acadêmico F. S. Nascimento nestas duas estrofes do poema de Guilherme de Almeida, intitulado “Simplicidade, Felicidade”:

“Ser como o rio cheio de graça,
que move o moinho, dá vida ao lar,
fecunda as terras... E, rindo passa,
despretensioso, sempre a cantar.

Ou ser como a árvore: aos lavradores
dá lenho e fruto, dá sombra e paz;
dá ninho às aves; ao inseto, flores...
Mas nada sabe do bem que faz.”

Temos certeza de que *Diretrizes da Linguagem Poética* espalhar-se-á rápido pelos cursos de letras de nossas universidades, pela mão dos cultores, amantes e estudiosos da poesia, encontrando, assim, o seu verdadeiro destino.

Agora, já podemos dizer com ufanismo que existe um valioso tratado sobre as normas da moderna arte poética cearense. Que o façam os outros estados.

Fortaleza, 24 de novembro de 2005